

INDISCIPLINA E GESTÃO DEMOCRÁTICA, HUMANA, SOLIDÁRIA E INCLUSIVA

Autor (1) Sebastian Ramos; Orientadora (2) Antonia Angelina Basanella Utzig

(1) *Universidade Estadual de Mato Grosso - e-mail:professorsebastian@hotmail.com* (2) *Faculdade de Educação de Tangara da Serra - e-mail:toninha1970@hotmail.com*

Resumo: O presente artigo aborda o tema da Gestão Democrática sob a ótica da Inclusão. Destaca a importância de se ter presente no ambiente escolar o fator da inclusão, fator este que contribui para um melhor crescimento e conseqüentemente uma melhor aprendizagem. A diversidade é um elemento muito característico de nossas escolas, assim sendo é urgente a proposta de levarmos a discussão da inclusão para nossas escolas, uma vez que acreditamos na versão de que educação é para todos. A educação tem a nobre missão de produzir conhecimento e ajudar as pessoas a serem melhores cidadãos e cidadãs. Desta maneira é legítimo ressaltar que inclusão e educação podem ser parceiras na construção de uma sociedade melhor. O tema coloca o gestor escolar diante de um dos seus maiores desafios, que é a indisciplina e a falta de limites dos alunos, que geram situações cada vez mais graves dentro do ambiente escolar, pontuando assim como o gestor pode trabalhar para reverter este problema, destacando que ele deve ter capacidade para mediar os conflitos e solucionar os problemas vindos do cotidiano escolar. Para tanto, foi abordado de maneira breve o conceito de indisciplina, detectando algumas causas e efeitos; a importância da participação da família e sua responsabilidade na questão de inserir limites e valores em seus filhos para que os mesmos consigam conviver em sociedade; a interação professor-aluno, sendo este um fato muito importante na busca da resolução deste problema; destacando a visão da sociedade e também a relevância do trabalho entre a escola, comunidade escolar e sociedade em geral na busca da disciplina e na construção de um ser humano mais humano.

Palavras-Chave: Gestão, Inclusão, Educação, Escola.

Introdução

O presente trabalho apresenta algumas reflexões sobre a Gestão Escolar apontando a Inclusão como proposta de mediação para a questão da indisciplina escolar, particular tão comum nas escolas de maneira geral. Assim, a Gestão Escolar atenta aos novos tempos deve observar com atenção especial as maneiras e modos que poderá intervir em tais situações e assim pensar na inclusão como uma proposta pedagógica para intervir na causa, naquilo que constitui o problema. Para tanto determina-se como problema deste trabalho a questão da indisciplina e seus desdobramentos. Afinal, como mediar a indisciplina na escola?

A gestão da escola deve ter uma visão ampla do contexto em que está inserida afim de que a indisciplina, problemática do cotidiano escolar, possa ser transformada em inclusão

(respeito às diferenças, compreensão de que a sociedade é composta por pessoas diferentes, que a deficiência é uma realidade social, que o *bullying* é uma prática inaceitável e tantos outros fatores) e o dia a dia das alunas e dos alunos possa se tornar mais harmônico, agradável, prazeroso, solidário e humano.

Tem-se muitos pormenores para resolver na educação, e quem está inserida (o) nela bem sabe, porém se ao invés de tomar as atitudes necessárias optar-se em ficar apenas escolhendo e usando eufemismos, pouca coisa pode ser concretizada. A educação é dinâmica. Este texto quer contribuir com a educação e a partir do mesmo possibilitar uma maior reflexão a respeito de assuntos como: educação, escola, gestão e inclusão.

Justifica-se a necessidade de discutir sobre a indisciplina associada a inclusão, uma vez que no dia a dia da escola, as diferenças são evidentes e partes do processo escolar. Assim sendo, este texto quer ser útil na reflexão de uma escola inclusiva quando o assunto for indisciplina e suas nuances.

O objetivo deste trabalho é provocar uma discussão inclusiva diante de tantas questões que assolam as escolas. Deseja colaborar na formação de professoras e professores, que a exemplo de tantas e tantos fazem a diferença e lutam por uma educação e uma escola democrática, inclusiva, solidária e humana. Este texto identifica-se com a pesquisa bibliográfica exploratória e à luz de algumas autoras e alguns autores que discutem temas inerentes traz um perfil amplo de uma escola democrática e inclusiva.

A Gestão Escolar Observada na Prática da Escola e a Inclusão como Elemento de Intervenção Solidária e Humana Diante da Indisciplina

Antes de começar esta conversa é indispensável verificar e analisar o significado da palavra indisciplina, que de acordo com o minidicionário Soares Amora (1997) da língua portuguesa é: Falta de disciplina; desordem; desobediência. A indisciplina é um tema com o qual muitas educadoras e muitos educadores se deparam, talvez por muitas vezes, ao longo do ano letivo. Do início até o término das aulas com as mais variadas situações. A aluna ou o aluno que não “obedece” é indisciplinada (o). A aluna ou o aluno que não entra na sala após o sinal é indisciplinada (o). A aluna ou o aluno que anda de um lado para o outro na sala durante a aula é indisciplinada (o) e assim teríamos um sem-número de tipos de atitudes consideradas indisciplinadas em sala de aula.

Além da indisciplina tão evidente no contexto escolar, é importante ressaltar que a disciplina também aparece em cena, já que é um fator tão importante no cotidiano escolar. Uma vez que se tem muitas formas de indisciplinas, é preciso também considerar e desvendar as muitas formas de disciplina. Para Franco, no seu livro “Problemas de Educação Escolar”

[...]a indisciplina não pode ser entendida de maneira estanque, como se fosse algo que dissesse respeito a este ou aquele envolvido com o processo. A disciplina, ao contrário, diz respeito a todos os envolvidos com a prática escolar e ser compreendida como algo necessário para atingir um fazer pedagógico coerente e eficaz, estando intimamente relacionada à forma como a escola organiza e desenvolve o seu trabalho. Nesse sentido a disciplina está indissolúvelmente ligada ao processo de transmissão e assimilação dos conhecimentos elaborados historicamente pelo homem. (1986, p.13)

É imprescindível atentar-se para as questões que envolvem a disciplina e a indisciplina, pois o papel de protagonistas e/ou antagonistas é de todas as personagens envolvidas no ambiente escolar. Não basta acusar esta ou aquela, destacar este ou aquele problema. A Gestão como mediadora da escola, há de ter um olhar atento e apresentar propostas democráticas e satisfatórias para sanar os possíveis problemas da escola em sintonia com a coordenação, seja a curto, médio ou a longo prazo, sendo por sua vez, coerente, democrática e perspicaz nas tomadas de decisões promovendo um ambiente adequado às práticas de ensino-aprendizagem. Abramovay e Rua (2002, p.141), assim observam a respeito de cenas como estas: “Entre as regras internas das escolas, as que mais suscitam reações variadas são as que se relacionam com a observância do horário das aulas, o uso do uniforme, a identificação e as práticas proibidas ou permitidas no espaço escolar.”

As reações, lembradas por Abramovay e Rua são frequentes em muitas escolas e as gestão, coordenação e corpo docente devem de maneira pedagógica e madura buscar caminhos para que sejam sanados tais percalços. Vale lembrar que a atitude deve ser de autoridade e jamais de autoritarismo, tema para uma longa discussão na educação. O Autoritarismo em nada contribui com a prática do ensino, bloqueando muitas vezes uma possível relação amistosa entre discentes e docentes. Há que se pensar muito nesse assunto quando se trata de indisciplina. O “remédio” para a indisciplina não está no autoritarismo desmedido de muitas (os) profissionais da educação. Para Aquino:

[...] se entendemos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra estas normas; 2) o desconhecimento delas. No primeiro caso a indisciplina traduz-se por

uma forma de desobediência insolente; no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações. (1996, p.10)

A inclusão a que este texto se refere deve aparecer em momentos como este. Diante da indisciplina dos discentes é imprescindível apresentar um outro “mundo possível”. Propor a estes adolescentes/jovens que não é impossível mudarem de atitude. Mostrar aos indisciplinados que a atitude e o comportamento são passíveis de mudanças e que todas as pessoas podem conviver harmoniosamente numa sala de aula e numa aula com atitudes respeitadas e harmônicas, considerando que as regras e as normas são para todas as pessoas.

Apresentar que o conhecimento é algo valoroso e que para melhorar o ambiente em que estudam é preciso ter atitude respeitosa, excluindo assim a ideia de desrespeito e de rebeldia. Desta forma é possível mostrar aos mesmos que diante da rebeldia descortina-se uma escola e uma sociedade que é diversificada e aberta a novas amizades, sonhos, e pessoas do bem, dispostas a melhorarem o mundo em que vivem.

Peter Mittler, em seu livro “Educação Inclusiva – Contextos Sociais” a respeito deste tema diz que:

Inclusão e exclusão começam na sala de aula. Não importa o quão comprometido um governo possa ser com relação à inclusão; são as experiências cotidianas das crianças nas salas de aula que definem a qualidade de sua participação e a gama total de experiências de aprendizagem oferecidas em uma escola. Da mesma maneira, são importantes as interações e as relações sociais que as crianças têm umas com as outras e com os outros membros da comunidade escolar. As formas através das quais as escolas promovem a inclusão e previnem a exclusão constituem o cerne da qualidade de viver e aprender experimentado por todas as crianças (MITTLER, 2003, p. 139).

Conforme o autor, o importante no contexto de inclusão e exclusão é como prevenir para que a exclusão não aconteça e como fazer a inclusão de maneira sem que aconteça nenhum tipo de impacto, pessoal, e social e isso é uma questão muito importante que tem que ser desenvolvida pela gestão e toda a comunidade escolar.

A Gestão Escolar e sua Missão Democrática

Democracia - conquista e valor estimado por todos os povos, é uma das garantias mais eficazes para uma sociedade em equilíbrio. Quando o ser humano vive obcecado em suas

próprias regras e normas, direitos e deveres e se interessa apenas por aquilo que lhe convém, dificilmente estará entre as pessoas ditas flexíveis e democráticas. A democracia deve estar presente nos pensamentos e ações, e as/os docentes devem se considerar ferramenta imprescindível para que a partir de suas atuações ela se fortaleça.

Uma gestão democrática atuante é aquela que media conflitos, que é imparcial nas decisões e a partir disso produz um ambiente propício para o debate, a audição de ideias, a possibilidade de sugestões, o reconhecimento e correção das faltas, a existência da verdade e a convivência pacífica e igualitária entre todos. O poder com a democracia só terá sentido se exercido com autoridade, sem paternalismos ou maternalismos ou ainda qualquer sinal de autoritarismo.

A inclusão escolar está articulada a movimentos sociais mais amplos, que exigem maior igualdade e mecanismos mais equitativos no acesso a bens e serviços. Ligada a sociedades democráticas que estão pautadas no mérito individual e na igualdade de oportunidades, a inclusão propõe a desigualdade de tratamento como forma de restituir uma igualdade que foi rompida por formas segregadoras de ensino especial e regular (MANTOAN e PRIETO, p. 16).

O dia a dia de uma escola que busca caminhos inclusivos encontra muitos desafios a enfrentar e muitas barreiras a transpor (que o digam as pessoas deficientes físicas, auditivas e visuais). Alunas/os e professoras/es sob uma gestão democrática encontrarão facilidade para exporem suas dificuldades e assim buscarem a solução juntos (as). A/O gestor/a escolar, sendo flexível, atenta/o e aberta/o ao diálogo não poupará esforços para trazer ao interior de sua escola as medidas e as atitudes almejadas por aqueles personagens que compõem o todo da comunidade escolar.

Para instaurar uma condição de igualdade nas escolas não se concebe que todos os alunos sejam iguais em tudo, como é o caso do modelo escolar mais reconhecido ainda hoje. Temos de considerar as suas desigualdades naturais e sociais, e só estas últimas podem e devem ser eliminadas. Se a igualdade traz problemas, as diferenças podem trazer muito mais! (MANTOAN e PRIETO, p. 18)

A coletividade é inerente a democracia e ela se constrói com palavras e ações. De nada adianta reconhecer superficialmente que é muito bonito as pessoas viverem bem se nada é feito para que de fato isso aconteça. Da mesma forma, de nada adianta concordar que é necessária a inclusão na escola, se elenca-se uma série de obstáculos para que isso aconteça, como a falta de recursos públicos e o costume recorrente de culpar o governo e nada mais. É preciso compreender que braços cruzados não costumam produzir ações. Segundo Mittler:

Muitos escritores tentaram destilar a essência da prática inclusiva. Alguns descreveram uma visão de inclusão, mas, hoje em dia, a maioria considera que a inclusão seja uma jornada sem fim. Algumas escolas são bem equipadas para a jornada; outras considerarão que a bagagem que elas levam é inadequada e pode precisar ser adaptada ou mesmo descartada. Cada escola encontrará obstáculos diferentes no caminho, porém todas elas acharão que as barreiras mais difíceis emergem de dúvidas bastante arraigadas, mas não necessariamente expressas sobre se essa jornada de fato é válida (MITTLER, 2003, p. 161).

Acreditamos que as Leis devam ser conhecidas, cobradas e cumpridas afim de que as políticas públicas possam ser implantadas para o bem da educação e da sociedade, ressaltando que cada escola tem a sua realidade e particularidade, considerando o contexto em que está inserida. Verificamos a necessidade das/dos Profissionais da Educação estarem a par das leis vigentes e o que se pode ser feito a partir da elaboração e da existência do Projeto Político Pedagógico (PPP). Observamos ainda que nos últimos tempos as Pessoas com Deficiência vêm se destacando junto a sociedade ao que se refere ao conhecimento dos seus direitos e deveres. As Leis em favor da inclusão são muitas e a Escola deve estar atenta em discuti-las e efetivá-las para o bem das/dos Profissionais da Educação, alunas e alunos, mães e pais e toda a comunidade.

A comunidade escolar deve em sintonia com a equipe pedagógica apresentar melhorias sobre a questão da indisciplina. Assim, este trabalho acena para o caminho da inclusão, em todas as suas formas, constatando que é um recurso possível e humano. Acolher melhor a diferença, colaborar com as/os cadeirantes da escola, ajudar nas dificuldades da/do deficiente auditiva (o), estender a mão a quem é deficiente visual, se aproximar da menina que é tímida e retraída, fazer novas amizades com outras turmas, participar de atividades interativas, estabelecer a inclusão como prática diária da escola. Novas práticas diárias podem ajudar a vencer barreiras de exclusão e de indiferença.

Pois se as mudanças ficarem apenas nos sonhos de como deve ser uma escola e não acontecer a prática como disciplina, as mudanças também não acontecerão e a escola dos sonhos será apenas um sonho. O ambiente escolar assim como o propõe os Parâmetros Curriculares Nacional (PCNs) está para promover a formação cidadã da aluna e do aluno, principalmente ao que se refere a formação crítica de respeito e reflexão acerca dos problemas que afligem a sociedade e que a criança de maneira alguma fique excluída dos assuntos externos tão inerentes ao futuro de cada uma delas.

Para isso faz-se necessária uma proposta educacional que tenha em vista a qualidade da formação a ser oferecida a todos os estudantes. O ensino de qualidade que a sociedade demanda atualmente expressa-se aqui como a possibilidade de o sistema educacional vir a propor uma prática educativa adequada às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais da realidade brasileira, que considere os interesses e as motivações dos alunos e garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem. (PCN, 1997, p.24)

O PCN é um documento que elabora, propõe e vislumbra um ambiente escolar eficaz na formação da criança. Talvez para alguns educadores, essa proposta possa parecer um tanto utópica, contudo acredito na possibilidade de propor às crianças e para esta reflexão em especial às crianças com algum tipo de deficiência que estudam em escola de ensino regular especificamente (pois em escolas especiais, a exemplo da APAE a dinâmica é totalmente voltada para as deficiências específicas de cada criança, adolescente, jovem ou adulto) um ambiente em que ela possa interagir com seus colegas e que nessa interação participem do processo de aprendizagem promovendo desta forma uma das formas mais bonitas da educação que é a socialização da educação.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, documento este de suma importância, que deve ser do conhecimento de todas as pessoas, em especial dos profissionais da educação, fala da importância de educação na vida da criança.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90) estabelece uma série de direitos a eles, ressaltamos o capítulo IV que se refere ao Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer (pag.31). O Art. 53 estabelece o seguinte: “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho (...)”. O artigo 53 apresenta de forma clara a importância da educação no processo da vida de cada um. (BRASIL. Estatuto da criança e do Adolescente, 2013, p.31)

A relação entre todas as personagens envolvidas no processo escolar deve ser tal que as ações democráticas em benefício de todas e todos fluirão muito melhor, rompidas as barreiras da exclusão e da indisciplina. Para amenizar o problema da indisciplina na escola, é importante que as alunas e os alunos participem ativamente da construção das regras da sala em que estudam e da escola que pertencem, assumindo-as como compromisso coletivo.

A participação de toda a comunidade escolar no dia a dia da escola reforça a ideia junto à Gestão Escolar de que cada pessoa em particular faz parte do processo. Em tempos remotos as crianças em idade escolar eram obrigadas a frequentar a escola e nem sempre

questionavam os motivos pelos quais deveriam estudar. Estudavam. Na atualidade as crianças desde muito cedo questionam o porquê estão indo à escola e a maioria vê esse ambiente como espaço cansativo e exaustivo.

A Gestão Escolar tem uma tarefa complexa e muitas vezes árdua, considerando que os recursos financeiros e o aporte do sistema em todas as esferas, em sua maioria apresenta apenas o que se devem cumprir, não efetivando desta maneira todas as necessidades da educação, entre elas recursos diversos para a motivação dos discentes em sala de aula no processo ensino-aprendizagem. Não basta o livro didático.

A princípio essa complexidade encontra maior dificuldade quando reportamos à Educação Inclusiva ao que se refere a acessibilidade. A maioria das pessoas ainda desconhecem as Leis que amparam a pessoa com deficiência, onde o que essa maioria geralmente “sabe” está relacionado apenas a acessibilidade no que tange ao direito de ir e vir. Contudo a família que tem uma Pessoa com Deficiência e está a par e conhece o que é seu por direito, diferente das que desconhecem, cobram com mais propriedade o cumprimento das leis. Diante disso, a Escola tem entre suas missões, colaborar no processo de discussão destas questões, provocando desta maneira uma maior informação e conscientização da sociedade sobre políticas em prol da inclusão, especialmente as leis vigentes.

A gestão, ainda em sua missão, deve tomar o leme da disciplina como meta de sua atividade diária. Uma escola “barulhenta, bagunçada e desarrumada” nem sempre propicia muitas possibilidades de aprendizagem. Não que a “desarmonia” num sentido positivo não seja boa, mas a desordem não costuma ser bem vinda para a Educação. Verificar diariamente o “seu barco” deve ser tarefa constante de uma boa gestora e um bom gestor escolar. Não deve necessariamente “resolver” todos os problemas para a professora ou o professor em sala de aula, mas manifestar disposição em colaborar no processo.

As instituições escolares, ao reproduzirem constantemente o modelo tradicional, não têm demonstrado condições de responder aos desafios da inclusão social e do acolhimento às diferenças nem de promover aprendizagens necessárias à vida em sociedade, particularmente nas sociedades complexas do século XXI. (MANTOAN e PRIETO, p.33)

Promover a boa convivência entre profissionais da educação e alunas/alunos de qualquer escola é tarefa contínua, uma vez que as pessoas agem diferentemente frente às situações diárias e conseqüentemente ao longo da vida. Porém a manutenção do respeito

mútuo já evita muitos dissabores diários. Os discentes indisciplinados se tornarão colaboradores se conquistados, respeitados e valorizados em suas diferenças. Mediar situações de conflitos na escola é uma habilidade que, como educadores e gestores é preciso exercitar constantemente, porém ao se buscar o sucesso das relações pessoais, esta habilidade não pode ser desmedida, perversa ou ainda violenta, pois como nos lembra Flávia Schilling (2004, p.57), [...] “Gestão/governo são termos que implicam determinada relação de poder. Tememos exercer o poder que temos? Sabemos o poder que temos, como educadores? Cabe, portanto, recuperar a diferenciação entre poder e violência”.

Há que se ressaltar que ao mesmo tempo em que se têm alunas/alunos indisciplinadas (os), isso também acontece com professoras/professores – justiça seja feita. E é importante que a autoridade escolar atue com firmeza nestes casos. Pois se é com rigor que se busca coibir a indisciplina das (os) alunas (os), com o mesmo rigor se deve agir com professoras e professores que gritam desnecessariamente, que chegam atrasados constantemente, que não preparam suas aulas, que não cumprem com as regras e normas básicas da escola em que atuam e assim por diante. O/A gestor/a, munido/a de perspicácia, direção firme e direta, deve agir frente a isso também, pois se assim não for, o processo de construção de uma escola democrática e disciplinada não será alcançado com sucesso.

Para cada momento de reflexão envolvendo principalmente a palavra inclusão, cabe a cada pessoa refazer os pensamentos que outrora não eram necessários se discutir e pôr em prática. Na atualidade, existem inúmeras questões que acabam “estacionando” no ambiente escolar, tendo o/a professor/a o dever de expor à/ao aluna/o. Diante disso o/a professor/a deve buscar na medida do possível contextualizar parte dos aspectos que envolvem essas alunas. Registro aqui o papel desempenhado pelos profissionais da educação que não está restrito ao ambiente escolar, mas muito além dos muros da escola.

Acredito com isso, que a indisciplina surge por uma série de fatores que vão se acumulando durante todo o processo de ensino tais como: características encontradas fora da escola como problemas sociais, sobrevivência precária e baixa qualidade de vida, conflitos nas relações familiares, aspectos envolvidos e desenvolvidos na escola como a relação professor-aluno; a possibilidade do cotidiano escolar ser permeado por um currículo oculto; entre outros e que se constituem como um desafio a ser vencido pelo professor- através da mudança e superação de práticas pedagógicas inadequadas- e pelo aluno, que precisa superar suas carências e encontrar a motivação necessária para os estudos. (RODRIGUES, Disponível em: <<http://www.zenieduca.blogspot.com.br/2010/04/indisciplina-na-escola.html>>. Acesso em: 19 fev. 2016).

A ausência de inclusão e o assustador nível de indisciplina dentro e fora da sala de aula é uma questão que deve ser discutida e debatida insistentemente por toda a comunidade escolar. A sociedade contemporânea impõe valores que devem ser refletidos e cabe também à escola verificar e estabelecer o seu lugar nessa sociedade a qual ela é responsável em formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, ressaltando é claro o importante papel da família. Mediante a essa responsabilidade Rodrigues apud AQUINO (1996), questiona se a escola está preparada para receber o aluno que a procura hoje.

As Leis instituídas vêm de encontro a realidade de cada Estado, Município, Distrito e Comunidades Rurais? Cada escola tem a sua particularidade e sua necessidade. Essas questões devem ser consideradas na elaboração de ações e leis que busquem melhorias em prol de políticas públicas eficazes que acabam deixando de incluir a real necessidade financeira, administrativa, contexto social, dentre outras. Reflexão e ação mediante as prioridades da escola será sempre uma tarefa para a Gestão Escolar e toda a comunidade escolar em consonância com a participação da família.

Conclusão

Este texto buscou de modo simples e direto observar a relação existente entre escola, docente-discente, indisciplina, gestão e inclusão. Compreende-se que o tema é recorrente e amplo, uma vez que há muito que se falar sobre a indisciplina em sala de aula. Porém o olhar lançado sobre este tema é a relação que pode haver entre indisciplina e inclusão. Encontrar na inclusão um caminho para diminuir esse “elemento” que muitas vezes causa tantos transtornos para professoras/es e alunas (os) é nossa intenção.

O tema coloca o/a gestor/a escolar diante de um dos seus maiores desafios, que é a indisciplina e a falta de limites das alunas e dos alunos, que geram situações cada vez mais complexas dentro do ambiente escolar, pontuando assim como a Gestão pode trabalhar para solucionar este dilema, destacando que deve ter capacidade para mediar os conflitos e solucionar os problemas advindos do cotidiano escolar. Para tanto, foi abordado de maneira breve o conceito de indisciplina, detectando algumas causas e efeitos; a importância da participação da família e sua responsabilidade na questão de inserir limites e valores em seus filhos e filhas para que os mesmos e as mesmas consigam conviver na escola e na sociedade; a interação professor/aluno, sendo este um fato muito importante na busca da resolução deste problema; destacando a visão da sociedade e também a relevância do trabalho entre a escola,

comunidade escolar e sociedade em geral na busca da harmonia e na construção de um ser humano mais humano.

Referências

- ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas** / Miriam Abramovay *et alii*. – Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002. 400p.
- AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 1. ed. – São Paulo: Saraiva, 1997.
- AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na Escola: Alternativas teorias e práticas**. São Paulo. Editora Summus, 1996.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do Adolescente**, 2013.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- FRANCO, Luiz Antônio Carvalho. **Problemas de Educação Escolar**. São Paulo, MEC. 1998.
- MANTOAN, Maria Teresa Égler; PRIETO, Rosângela Gavioli; ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Inclusão Escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006.
- MITLLER, Peter. **Educação Inclusiva: Contextos Sociais**, Peter Mitller; Tradução Windz Brazão Ferreira, - Porto Alegre: Artmed, 2003. 264p.
- RODRIGUES, Maria Inez. **Indisciplina na Escola**. Disponível em: <<http://www.zenieduca.blogspot.com.br/2010/04/indisciplina-na-escola.html>>. Acesso em: 19 fev. 2016.
- SCHILLING. Flávia. **A Sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004. (Coleção Cotidiano escolar / coordenador Ulisses F. Araújo)